

Três mulheres, em três diferentes etapas da vida: Licinha, criança curiosa e tétrica, com sua boneca a tiracolo e falas que sacodem, mobilizando tanto as adultas da casa, quanto nós, fruidores da obra; Cecília, jovem abatida e triste, confidente da irmã Licinha, e que o tempo todo busca forças para sair daquela casa assombrada por seus mortos; Lourdes, tia de ambas e, também, deixada “para tia”, única adulta lúcida restante no ambiente, amargurada e responsável por cuidar de todos, que nunca conseguiu ir embora, desconhecendo a liberdade.

Os fantasmas de outras duas fêmeas vagam pela imaginação de todos: Júlia e Márcia, mãe e filha. A primeira, morta ao dar à luz ao primeiro filho homem e, a segunda, assassina em fuga, desaparecida após marcar a genitora com uma tesoura no parto. Será? Pistas se embaralham e imagens se confundem, talvez as coisas não sejam como pensamos... Essa é uma dramaturgia-mistério que tentamos desvendar.

Completam o quebra-cabeça de peças empoeiradas três representantes do masculino em decadência: o bebê morto, sem nome, que instantes depois de nascer cai do colo do pai e se vai; Célio, o pai, que no susto de assistir a cena do matricídio derruba o recém-nascido e, desvairado de dor, enlouquece e é amarrado a uma árvore onde diz coisas bonitas; Timóteo, o patriarca da família, que sofre um derrame após a tragédia e que, de quando em quando, conversa coisas desconexas com a boneca de Licinha, quem sabe o alter ego da pequena.

Há ainda um cachorro que, irracionalmente ou não, em momentos chave da obra desenterra sentidos perdidos. Destrói pedaços da sinistra boneca e “cavuca” os túmulos em busca de ossos, trazendo para a boca de cena a realidade: é preciso cavar mais covas, pois em pouco tempo a casa findará sua metamorfose em cemitério habitado. Existe saída? Será possível escapar, buscar a vida lá fora ou a impossibilidade de assumir os próprios desejos transformará as mulheres em assombrações, mortas-vivas pela falta de força para encarar o desconhecido?

Vanja Poty

Este texto é uma das ações de conclusão do projeto *Brasis por escrever*, uma realização do Platô – Pesquisa e Produção, que por meio de encontros virtuais, de dezembro de 2020 a julho de 2021, reuniu uma turma de autorxs de diversas localidades do Brasil para estudo e criação de dramaturgias com orientação de Cecília Ripoll e Diogo Liberano (região Sudeste): Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

Agradecemos à leitora Vanja Poty pelas palavras escritas após a leitura da dramaturgia *PRIMAVERA DOS OSSOS* da autora Carolina Queder.

